

[www.autoresespiritasclassicos.com](http://www.autoresespiritasclassicos.com)



*ARTIGOS*  
*DOCTRINÁRIOS*  
*ESPÍRITAS*

## Artigos Espíritas

Dirceu Abdala - Tombamento Religioso, Histórico, Cultural,  
Patrimonial de Eurípedes Barsanulfo - Apóstolo da Caridade

### **Eurípedes chamado a desafio**

Onde há luz há trevas, sempre dizia nosso bondoso Chico Xavier, e aqui registro uma página triste do desafio para que fora convocado nosso querido Professor Eurípedes, um duelo em praça pública entre Doutrina Espírita e Igreja Católica. De um lado, o representante católico, Padre Feliciano Iague e de outro, nosso querido Eurípedes. Os dois, em ata formulada e assinada pelos presentes na casa de autoridade sacramentana, dentro dos princípios constitucionais da liberdade religiosa, formuladas as questões no registro da referida ata, em que o missionário da Igreja Católica teria que provar ser o Espiritismo ateísmo; os fatos da Doutrina Espírita são explicados como pactos diabólicos; o Espiritismo não é religião; o Espiritismo não é ciência; por sua vez, o Prof. Eurípedes teria que provar o contrário. Com horário e designação do local, com testemunhas indicadas e tudo. Trata-se de único duelo religioso de que se tem notícia, realizado na face da Terra, tendo a comunidade como testemunha. A ata lavrada, autoridades e pessoas de elevada responsabilidade moral e de bom conceito diante da sociedade local firmaram com suas respectivas assinaturas aquele ato.

O mencionado padre procura em discurso infamante denegrir a Doutrina dos Espíritos. Orador que era, busca situar-se em posição de crítico contumaz, e ataca, com toda liberdade o Espiritismo, bem como a conduta dos espíritas. A todo ataque com palavras e temas que a Igreja até a presente data usa contra a Doutrina, Eurípedes, com lógica, profundo amor e lições extraídas do Evangelho de Nosso Senhor, rebate uma por uma as acusações, com lógica aristoteana. Eurípedes, no fim da contenda, sagra-se esmagadoramente vencedor, a ponto de populares carregarem-no aos. Preocupado, pois sabia que a vitória traria mais perseguições, atravessa a distância entre ele e o padre e abração num gesto de comovedor carinho, banhado em lágrimas. Foi o suficiente para que o povo, aos gritos de vitória, buscasse Eurípedes e o levasse nos ombros amigos. A síntese do embate foi publicada em jornais e divulgada no mundo de então, dentro das limitações que a mídia permita.

Eurípedes, como todos os verdadeiros apóstolos de Nosso Senhor, teve que dar seu testemunho de sofrimento.

Assim Marcos, primeiro cristão martirizado na Galiléia; Paulo, degolado em Roma; João Batista degolado a mando de Herodes; John Russ, queimado vivo no Leste Europeu; Joana D'Arc, pelas mesmas formas; Pedro, crucificado de cabeça para baixo; Sócrates, condenado a morte em testemunho do amor e da verdade na grande preparação para a chegada de Nosso Senhor Jesus Cristo.

### **A Perseguição contra Eurípedes**

Eurípedes, após a esmagadora vitória sobre o Padre Iague, sofreu a mais cruel perseguição processual criminal daqueles tempos movida por um dos braços da Igreja Católica, que tão nobremente soube enfrentar, dentro da dignidade cristã. Porém o orgulho soberbo dos poderosos perdedores fez da vitória de Eurípedes seu martírio.

Dr. Arnaldo Alencar, delegado de Uberaba-MG, especialmente designado para apuração do caso via inquérito policial, convoca Eurípedes para tomar-lhe o depoimento, designado para o dia 22/10/1917, às 19 horas, processado pelo exercício ilegal da medicina.

Na hora convocada, ali comparece Eurípedes, trazendo em punho a valise para demonstrar que já estava em serviço de atendimento e pronto socorro aos necessitados. Ou seja, traz a prova material contra si, naquele momento. Após a tomada de seu depoimento, como inquirido que fora, pede licença, com respeito, carinho e humildade, dizendo: “Poderá Vossa Excelência conceder-me permissão para retirar-me” – Responde o representante da lei: “O que o senhor vai fazer”? - A humildade de seu puro coração responde: “Ver meus doentes, senhor”. Por um lado, o Delegado ouve as testemunhas arroladas, por outro, Eurípedes a caminho de sua missão. Já no meio da multidão que se aglomerara na porta da Câmara, onde fora realizada a inquirição, tranquilizava os amigos, dizendo, voltem às suas casas, está tudo sob controle, nada a temer. Os pais, amigos, confrades, todos choravam, temerosos das conseqüências advindas da odiosa perseguição. A todos Eurípedes consolava, com palavras de amor, compreensão, sem mágoa ou até mesmo tristeza, exemplo da fé viva, da coragem de defender um ideal nobre, puro, sacrossanto. As testemunhas, por outro lado, embora arroladas pelos inquisidores, foram unânimes em dizer dos favores recebidos, dos benefícios que seus familiares receberam das mãos do Santo Eurípedes, portanto não havia necessidade de se ouvirem testemunhas de defesa.

Eurípedes, prosseguiu na sua tarefa. Saiu do inquérito policial e continuou sua missão, no outro dia, pela madrugada as portas da farmácia se abriam para receber os carentes, doentes de toda forma. Numa tarde, na farmácia, Eurípedes confortava os amigos de trabalho, dizendo que o Dr. Bezerra anunciava que artigos de defesa estavam sendo divulgados pela imprensa de todo o País.

Decorridos alguns dias a defesa de Eurípedes perde o controle e alguns amigos se oferecem para eliminar os acusadores. Eurípedes, derramando lágrimas, agora de profunda dor e tristeza, diz – Por favor, meus irmãos! Os senhores fazem-me sofrer muito mais que meus acusadores. Serei a mais infeliz das criaturas, se um dos senhores tornar-se assassino por minha causa.

Derrotados em todas as tentativas de destruir ou até mesmo desmoralizar Eurípedes, seus opositores agora já não se contentam com estas tristes façanhas, mas querem eliminar sua vida, assim obtendo uma

vitória negra, produto da inferioridade moral dos que não sabem perder com dignidade. Pistoleiros, naquela época denominados jagunços, são contratados para tal mister, mas sempre Eurípedes era avisado, com avisos assim: - Cuidado, na próxima esquina dois jagunços esperam para eliminá-lo. Não abra a janela, pois do lado de fora um homem veio matá-lo. Uma noite, embora avisado de que dois assassinos espreitavam na esquina da Câmara Municipal para sua morte, ele roga a Deus uma prece, aproxima-se dos criminosos, retira o chapéu e cumprimenta com muito amor e, sem olhar para trás, segue sua rota a caminho do bem, sem nada lhe acontecer.

A cidade não suporta tamanha covardia, o mesmo acontecendo em centenas de comunidades das Minas Gerais, bem como de outros estados da federação, irmãos com artigos em jornais, telegramas às centenas se solidarizavam com o ilustre professor.

Conta-se que o senhor João Modesto dos Santos, proprietário do Jornal do Triângulo, organizara com amigos a defesa de Eurípedes. Fato registrado na obra “Subsídio para a história de Eurípedes Barsanulfo, de autoria de Dr. Inácio Ferreira, que assim se expressa:” Um portador enviado a Sacramento de lá voltava com a resposta de Eurípedes: Não reagiria e nem tomaria qualquer atitude hostil. Recomendava calma e que se procurasse evitar qualquer atitude precipitada. “Será que existe algo mais belo que a preocupação com os inimigos e perseguidores de sua própria pessoa? Pois em Eurípedes isto era fato comum, “amai seus inimigos, orai por aqueles que o perseguem e o caluniam”.

Ao redigir o pequeno relato, emocionei-me a ponto de não suportar a carga emocional, eis que as lágrimas também não conseguiram permanecer em meu corpo insignificante, quando pesquisei o que segue, relatado aos ouvidos de Eurípedes o seguinte, Ismael (Mentor Espiritual do Brasil), disse-lhe: “Não temas, Eurípedes. Daqui serei o sustentáculo!”. Isto, dito na cumeira do Colégio Allan Kardec. Por sua vez, ao lado de Eurípedes, responde Dr. Bezerra: “Daqui serei eu”!

Na madrugada do dia seguinte ao relato desses fatos, debaixo do caramanchão de jasmim brancos, perfumado pelo aroma do mais profundo perfume e da Luz de Jesus, pois exatamente o que aconteceu, o impacto emocional era tamanho que

Eurípedes não conseguia absorver aquela luminosidade, a mais bela Estrela do Pai Celestial se fazia presente ali, coberto das neves brancas floridas do jasmim, ninguém mais que Nosso Senhor Jesus Cristo! Para lhe dizer “meu filho não temas! Estamos com Deus – A vitória é nossa!” D. Amália ouvia o relato proferido por Eurípedes, e este, enquanto falava, ora buscava o Céu para dizer “isto é impossível”, ora abaixava a cabeça para afirmar “Sou pequeno demais, menor que um átomo, para receber tanta Luz”.

O processo criminal contra Eurípedes passara nas mãos de cinco juízes e promotores e ninguém teve coragem para julgá-lo, era levado ao gabinete pelos serventuários da justiça e trazido as escriturarias sem despacho, até que no dia 8 de maio de 1918 o MM. Juiz Mello Vianna o deu por prescrito, arquivando-o. O mundo cristão explodiu em alegrias, aves, animais, plantas, o próprio céu, bem como os irmãos não suportavam a enorme emoção da liberdade, da vitória do bem sobre o mal, a carga emocional era tamanha, que de boca em boca o fato era comunicado, multidão afluía a Sacramento, caravanas e mais caravanas buscavam a comemoração. Mas ao se aproximarem de Eurípedes, dele recebem a seguinte orientação: – “vamos orar, meus amigos. A hora é de extrema delicadeza. É preciso rogar a interferência do Alto para que os infelizes instrumentos desse processo não sejam molestados”. E lembra: “Se alguém vos bate na face esquerda, apresentai a outra!”

Tamanha perseguição, que o digno amigo, Freitas Nobre, em A Perseguição policial contra Eurípedes Barsanulfo, Ed. Edicel, 2ª. Ed. Páginas 89 e seguintes, assim se expressa:” Quem o verdadeiro impostor?

Bem sublinhou o editorialista de o Estado de São Paulo (11-10-1955) quando indagava: “Entretanto, como punir-se o farmacêutico que dá consultas nas zonas pobres onde não há médicos?”

E prossegue: “A ciência não conseguiu ainda marcar exatamente o limite onde termina a seriedade e começa a impostura e daí, desse fato, a série de transtornos, e que em muitas ocasiões determina a prática de clamorosas injustiças”.

Nesse editorial sob o título “O Impostor”, o conceituado matutino paulista comentava a morte de um cidadão “que foi duramente perseguido

durante a sua vida tão-somente porque tinha uma força estranha, de ordem hipnótica que usava com o objetivo de curar alcoólatras”.

Mas não nos furtamos à transcrição de outros trechos especialmente porque o editorialista chama particularmente a atenção para as perseguições e os processos judiciais.

“Amador Joly – prossegue o jornal – fazia o que os especialistas, com seus processos modernos, com seus sanatórios e seus diplomas internacionais não logravam fazer: - apanhava casos perdidos, bêbados desamparados, doentes que se matavam no álcool e, com algumas “sessões”, punha-os outra vez em condições normais, propiciando-lhes o ensejo, curados, com invencível repugnância pelas bebidas, de retomar o fio da vida que quase fora interrompida pela enfermidade”.

A figura desse médium que promovia sessões de cura no Arraial dos Souzas e depois em Moji Guaçu é o retrato de tantos outros com Eurípedes Barsanulfo que nestes rincões do interior do Brasil abrem o coração à assistência fraterna, sem diploma, é verdade, mas sem receber dinheiro algum, embora dêem o seu tempo, o tempo furtado ao seu trabalho ou ao seu descanso em favor dos necessitados.

A figura do médium que o estado de S. Paulo retrata não poderia ficar sem a transcrição destes períodos finais:

“Centenas de criaturas, pobres indivíduos que eram mais vítimas do que culpados, ergueram-se com dignidade das sarjetas em que haviam caído, trabalhando hoje de cabeça erguida, como um doente que esteve às portas da morte e se restabeleceu. E não tinha diploma algum, nem instrução, nem habilitação profissional, vivendo pelo orgulho de fazer o que ninguém conseguia...

Agora que Amador Joly morreu não há mais o problema de ciência penal sobre a apreciação do art. 282 do Código Penal. Delegados, promotores, e juizes, não mais precisarão discutir se o velho curandeiro, como o chamavam, estava ou não infringindo a norma penal.

Contudo, continuará a viver por muito tempo na memória dos que foram por ele redimidos. Passará talvez na consciência dos que o perseguiram. E manterá armada certamente, a pergunta que os cientistas, formados na Alemanha, na França, na Inglaterra e nos Estados Unidos até

agora não souberam responder com exatidão: quem o verdadeiro impostor?”.

A sociedade brasileira assistiu o procedimento penal contra Eurípedes traumatizada, porque reconhecia os méritos de sua atividade assistencial desinteressada, no sublime sacerdócio de dar sem procurar recompensa, de amar sem exigir reciprocidade, sacrificando-se sem aguardar o reconhecimento dos beneficiados.

E a esse volume de serviço, a sociedade respondia com o processo, as audiências policiais, as publicações insultuosas, as ameaças de prisão.

Mas o povo simples, os homens de bem, os pacientes curados, os filhos retornavam ao regaço dos pais; os pais que regressavam ao lar recuperados da doença física ou mental, ao ouvirem os gritos “impostor, impostor!” poderiam indagar como o fez o editorialista de O Estado de S.Paulo: “quem o verdadeiro impostor?”...

Devemos rever nosso silêncio diante da mediunidade espinho de nossos abnegados servos de Nosso Senhor Jesus Cristo, na defesa do amor, da renúncia e do serviço na Seara de Jesus!